

REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA O ACONTECIMENTO DE ANNIE ERNAUX

Fatima aparecida Coelho Gonini¹, Rita de Cássia Petrenas²

Resumo

O estudo objetiva analisar, na obra O Acontecimento, de Annie Ernaux, como a gravidez não planejada, a falta de apoio e a clandestinidade do aborto evidenciam a vulnerabilidade da protagonista, relacionando essa experiência às discussões sobre sexualidade, feminino e educação. Annie Ernaux decide pelo aborto, sem apoio do parceiro na busca por fazer um procedimento clandestino, já que este era proibido na França nos anos de 1960. A narrativa da personagem revela a carência de uma educação sexual emancipatória não só nessa época, mas ainda na atualidade, quando estudos apresentam dados em que as jovens têm informação sobre a sexualidade e engravidam. Concluímos que a apropriação do texto literário, como artefato cultural, contribui para a educação sexual no campo educacional num contexto de mudanças significativas, em que as jovens possam vivenciar sua sexualidade com o conhecimento para se protegerem de uma gravidez inesperada ao iniciarem sua vida sexual.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação Sexual; Conhecimento.

WOMAN IN CONTEMPORARY: REFLECTIONS ON THE LITERARY WORK O ACONTECIMENTO BY ANNIE ERNAUX

Abstract

This study aims to analyze, in Annie Ernaux's work O Acontecimento, how an unplanned pregnancy, a lack of support, and the clandestine nature of the abortion highlight the protagonist's vulnerability, relating this experience to discussions on sexuality, the feminine, and education. Annie Ernaux decides to have an abortion, without the support of her partner in seeking to carry out a clandestine procedure, as this was prohibited in France in the 1960s. Annie Ernaux's narrative reveals the lack of emancipatory sexual education not only in this period, but also in nowadays, when studies present data in which young women have information about sexuality and become pregnant. We conclude that the appropriation of the literary book, as a cultural artifact, contributes to sexual education in the educational field in a context of significant changes, in which young women can experience their sexuality with knowledge effectiveness

¹ Doutora em Educação Sexual, Universidade Estadual Paulista Araraquara. Professora na FAFRAM. Ituverava, São Paulo, Brasil. E-mail: fatinini@yahoo.com.br

² Doutora em Educação Sexual, Universidade Estadual Paulista Araraquara. Professora na rede pública municipal. São Paulo, Brasil. E-mail: ritapetrenas@gmail.com

to protect themselves from an unexpected pregnancy when starting their sexual life.

Keywords: Sexuality; Sex Education; Knowledge.

MUJER EN EL TIEMPO CONTEMPORÁNEO: REFLEXIONES SOBRE LA OBRA LITERARIA O ACONTECIMIENTO DE ANNIE ERNAUX

Resumen

El estudio tiene como objetivo analizar, en la obra *El acontecimiento*, de Annie Ernaux, cómo el embarazo no planificado, la falta de apoyo y la clandestinidad del aborto evidencian la vulnerabilidad de la protagonista, relacionando esta experiencia con los debates sobre sexualidad, lo femenino y la educación. Annie Ernaux decide abortar, sin el apoyo de su pareja en su búsqueda de un procedimiento clandestino, una vez que estaba prohibido en Francia en los años 1960. La narrativa del personaje revela la falta de educación sexual emancipadora no sólo en ese período, sino también en la actualidad, cuando los estudios presentan datos en los que mujeres jóvenes tienen información sobre sexualidad y quedan embarazadas. Concluimos que la apropiación del libro literario, como artefacto cultural, contribuye a la educación sexual en el campo educativo en un contexto de cambios significativos, en el que las jóvenes pueden vivir su sexualidad con la eficacia del conocimiento para protegerse de un embarazo inesperado, al iniciar su vida sexual.

Palabras clave: Sexualidad; Educación sexual; Conocimiento.

1. Introdução

Ao anunciar pontos das questões das Ciências Humanas e Sociais em torno da educação, tenta-se buscar a totalidade nos fragmentos de intersecção das áreas citadas. Intersecção que deve ser encontrada no espaço da experiência, aquela experiência que marca o sujeito, que o surpreende, que o faz refletir. É quando se pode desatar as amarras e alcançar o conhecimento verdadeiro; hoje se fala muito em experiência, mas vive-se pouco a experiência, não se compreende a real experiência. (Bondía, 2002).

A temática da experiência é abordada por Benjamim (1994) ao enfatizar que vivemos no mundo da informação que tenta se tornar conhecimento, entretanto, somos pobres de experiência. Marcuse (1986) também se questionava sobre o que fazer com tanta informação, como transformá-la em experiência, em conhecimento.

Não se trata da experiência apregoada pelo empirismo, que se confunde com experimento, em que o sujeito se coloca apenas como observador neutro e imparcial; esta é a experiência "ensigna", que dá ordens, que comanda; porém

trata-se de experiência, como foi dito anteriormente, que marca o sujeito, que o surpreende, que o faz parar para pensar.

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. (Bondía, 2002, p. 21, grifo do autor).

A literatura de Annie Ernaux (2022) nos propõe vivenciar essa experiência e diante desse contexto, propomos realizar uma abordagem da temática do feminino e da sexualidade tendo a mulher enquanto centralidade do estudo no que concerne às questões sociais e, conseqüentemente, educacionais que poderiam lhe proporcionar maior conhecimento e empoderamento em suas experiências vivenciadas. Diante disso, questiona-se: de que modo a experiência narrada em *O acontecimento*, de Annie Ernaux (2022), contribui para a reflexão sobre a vulnerabilidade das mulheres e a educação sexual?

Assim, o estudo objetiva analisar, na obra citada, como a gravidez não planejada, a falta de apoio e a clandestinidade do aborto evidenciam a vulnerabilidade da protagonista, relacionando essa experiência às discussões sobre sexualidade, feminino e escolarização.

Compreendemos que o papel da mulher na atualidade vem sendo cada vez mais complexo e envolto em afazeres e compromissos que a sobrecarregam e a fazem se afastar de uma vida saudável e plena, além de toda cobrança social do ser mulher: sucesso na carreira, família, ser mãe, modelo ideal de beleza na atualidade, vida sexual ativa.

O Brasil vem avançando em políticas públicas referentes à educação escolar obrigatória, mas ainda é necessário combater o modelo hegemônico que é propagado pela mídia, e assim, defendemos que a educação sexual no processo de escolarização, desde a infância, é capaz de proporcionar o conhecimento de si próprio/a, e promover a busca pela conscientização e emancipação feminina, além de compreender a sexualidade enquanto algo prazeroso, consentâneo e libertador.

Para tanto, utilizamos a literatura enquanto elemento articulador que serve de suporte para compreendermos as amarras da sociedade em torno do feminino e da sexualidade. Assim, optamos pela obra de Annie Ernaux,¹ *O Acontecimento* (2022), vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2022.

A obra em questão, como artefato cultural, expressa a vulnerabilidade da mulher em relação à sexualidade e, em contrapartida, o seu empoderamento em uma sociedade marcada pelo machismo, pelo preconceito e pela negligência

¹ O livro *O Acontecimento* foi lançado na França em 2000 e no Brasil em 2022 e adaptado para o cinema em 2021, tendo como título original *L'Événement*, França, com Direção de Audrey Diwan e ganhou o prêmio Leão de Ouro, de Melhor Filme, no Festival de Veneza 2021.

no tocante ao feminino, pois o enredo do livro ocorre em torno da prática do aborto na França em 1963, período em que esse procedimento no país era considerado crime¹.

[...] mesmo que o paradoxo de uma lei justa seja quase sempre obrigar as antigas vítimas a se calar, em nome de que “tudo isso acabou”, de maneira que o mesmo silêncio de antes encubra o que aconteceu. É justamente porque nenhuma interdição pesa mais sobre o aborto que posso, deixando de lado o senso coletivo e as fórmulas necessariamente simplificadas, impostas pelas lutas das mulheres dos anos 1970 – “violência contra as mulheres” etc. [...] (Ernaux, 2022, p. 17)

O Acontecimento (Ernaux, 2022) é um relato autobiográfico sobre a gravidez vivida por Annie Ernaux em 1963, aos 23 anos, em um período no qual o aborto era ilegal na França. Ao narrar sua decisão de interromper a gestação, a autora descreve a falta de apoio familiar e do parceiro, a solidão, o medo e os riscos da clandestinidade. Essas experiências permitem refletir sobre situações que ainda afetam mulheres, como o julgamento social e as dificuldades de acesso ao acolhimento e orientação em saúde.

Referências que abrangem pesquisas em torno do aborto são mais pontuais, relacionadas à área da saúde, sendo que mesmo os documentos pedagógicos oficiais na área da educação (Brasil, 1998, Brasil, 2018) não abordam esse tema, nem mesmo para subsidiar o trabalho docente seja nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Nesse estudo não temos a pretensão de discutir sobre a legalização do aborto no Brasil e nem esgotar o tema sobre a vulnerabilidade feminina, mas a partir das vivências e anseios apresentados pela escritora Annie Ernaux, destacar fatos que ainda envolvem as mulheres em seu cotidiano. Convém esclarecer que “[...] O termo “aborto” habitualmente se menciona aos abortos incitados. Quando o feto já é capaz de continuar vivo fora do útero, o mecanismo é chamado de “interrupção tardia da gestação” (Fernandes; Sousa; Passos, 2023, p. 2127).

A discussão em torno do aborto é de extrema relevância; neste trabalho não defenderemos posicionamentos, mas apontamos citações que buscam provocar reflexões que envolvem a vida de mulheres, sejam elas jovens ou não. Corroboramos que a legalização do aborto em nosso país perpassa por questões anteriores ao ato em si, pois envolve o reconhecimento da mulher enquanto ser humano integral, perpassando por áreas diversas, tais como serviços médicos, sociais, educacionais dentre outros. No Brasil pesquisas apontam que:

¹ A Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG) foi legalizada na França em 1975. No dia 4 de março de 2024 a França se tornou o primeiro país do mundo a incluir em sua Constituição (artigo 34) o direito à mulher a recorrer ao aborto, fato que ganhou os noticiários mundialmente.

[...] abortos provocados, muitas vezes realizados em condições inseguras, são comuns. Eles são um componente importante da morbimortalidade materna 1,2 e são apontados como causa de 5% das internações de mulheres em idade reprodutiva por pesquisas. Por esse motivo, são considerados um problema de saúde pública. (Bonan *et al.*, 2024, p. 2).

A leitura do livro de Annie Ernaux (2022) nos provoca reflexões sobre o protagonismo das mulheres e do feminino na sociedade:

Pode ser que um texto como este provoque irritação, ou repulsa, ou seja considerado de mau gosto. Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito imprescindível de escrevê-la. Não existe verdade inferior. E, se eu não relatar essa experiência até o fim, estarei contribuindo para obscurecer a realidade das mulheres e me acomodando do lado da dominação masculina do mundo. (Ernaux, 2022, p. 35).

Mesmo passado mais de seis décadas dos fatos descritos no livro, muitos pontos relatados ainda são cotidianos em nossa sociedade: adolescentes e jovens que engravidam sem desejar, a falta de apoio familiar, o medo de julgamentos, a ausência de orientação médica, a clandestinidade do aborto, questões financeiras, indiferença da figura masculina.

Ao utilizarmos os artefatos culturais no contexto das escolas questionamos sobre os diversos estereótipos sociais, desafiando visões equivocadas sobre mulheres, homossexuais, machismo, feminismo, consumismo, erotização precoce, violência sexual, dentre outros temas, que circulam no cotidiano, mas também devemos compreender que esses artefatos podem ser elementos positivos no dia a dia escolar e na formação da sociedade.

[...] os produtos culturais à nossa volta nada têm de ingênuos ou puros; ao contrário, incorporam intenções de apoiar, preservar ou produzir situações que favorecem certos grupos e outros não. Tais artefatos, como se tem insistentemente acentuado, desempenham, junto com o currículo escolar, importante papel no processo de formação das identidades de nossas crianças e nossos adolescentes, devendo constituir-se, portanto, em elementos centrais de crítica em processos curriculares culturalmente orientados (Moreira, 2008, p. 42).

Podemos também compreender os artefatos culturais como resultado de um processo de significação e vinculação com a sociedade a qual estão envolvidos, constituídos por objetos materiais e simbólicos (Camozzato, 2018). Mesmo que as práticas abortivas sejam negadas e discriminadas na sociedade, os artefatos culturais contribuem para que se promovam reflexões e

inquietações capazes de posicionar-se em experiências vivenciadas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, através de estudos bibliográficos de Ferrari; Peres, (2020), Miura *et al.* (2023), Louro, (1997) e UNESCO (2017) para embasamento teórico sobre as temáticas em torno da sexualidade, além de ter como eixo articulador a obra de Annie Ernaux (Ernaux, 2022).

O Acontecimento (Ernaux, 2022) se apresenta como uma oportunidade significativa para que docentes e gestores compreendam a diversidade de situações, nas quais suas alunas e alunos passam no decorrer dos anos de escolarização, e que estão permeadas de insegurança, medo, dúvidas e podem culminar em casos graves relacionados à saúde.

2. Feminino, escolarização e experiência(s)

Este artigo apresenta as dificuldades do feminino na sociedade atual, procurando uma intersecção que deve ser encontrada na experiência, naquela experiência que marca o sujeito, que o faz refletir e agir com sensatez. E, conseqüentemente, se tivermos formação significativa no processo de escolarização, isso facilitará a compreensão de questões relacionadas ao nosso corpo, à nossa sexualidade, questionando estereótipos discriminatórios e violências de gênero.

As mulheres foram e continuam sendo objetos de opressão em todas as partes do mundo. Como vemos ao longo da história, são suprimidas do prazer sexual, da exibição do rosto, são escravizadas, prostituídas, etc. No entanto, as mulheres conquistam cada vez mais seu lugar numa sociedade de forte resistência aos novos conceitos de gênero, protagonizando diversas causas femininas, reivindicando e discutindo questões que abordam esses conceitos (Alves; Alves, 2013, p. 117).

Por meio do conhecimento, da experiência e da reflexão, pode-se desatar as amarras e transpor obstáculos, alcançando o conhecimento que nos leva a compreender os direitos que envolvem o ser mulher na sociedade, que está envolto pela diversidade de características que perpassam a sua vida enquanto pessoas diversas e constitutivas de significados heterogêneos.

Eu estabelecia confusamente uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão. Mas nem o vestibular nem a graduação em letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a filha grávida era da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. Eu estava

ferrada, e o que crescia em mim era, de certa maneira, o fracasso social (Ernaux, 2022, p. 21).

A gravidez inesperada, especialmente na adolescência, em nosso país, ainda é complexa, é uma experiência que marca a adolescente ou a jovem, e cria um embate que a faz refletir. A construção social da sexualidade feminina e masculina ainda é diferente, enquanto a masculina é permissiva e incentivada, a feminina é acompanhada de cobranças e a mulher é responsabilizada pela gravidez. Essa demarcação de desigualdade de papéis permeia a sociedade e expõe a vulnerabilidade do sexo feminino, que mesmo com o acesso à informação, demonstra que o conhecimento não foi interiorizado, transferido para sua realidade, especificamente em referência à sexualidade.

Ao engravidar, a tendência é a jovem abandonar os estudos para cuidar da criança, o que acarreta na falta de escolaridade, e isso pode direcioná-la ao subemprego e, conseqüentemente, ao seu fracasso escolar e este se transformará em um fracasso social. A pesquisa de Miura *et al.* (2023) apresenta dados diversos sobre a gravidez na adolescência, dentre eles destacamos que a chance de adolescentes grávidas pararem de estudar é grande e que o suporte familiar e escolar nesse momento tem diferença significativa.

No decorrer do século XXI temos acesso à informação em demasia, mas pouco conhecimento, e assim retornamos à filosofia, com Bondía (2002), que propõe quatro razões para explicar a falta de experiência no mundo atual. Em primeiro lugar, o autor citado menciona o excesso de informação, e observa que hoje há uma obsessão pelo saber, pelo conhecimento, mas por um saber sinônimo de informação, e não de um saber no sentido de sabedoria, de saber de experiência.

A segunda razão apontada por Bondía (2002) é que hoje a experiência é cada vez mais pobre por excesso de “doxa” (opinião). O sujeito informado opina sobre tudo, é um “opinado”, informado pela mídia, ou seja, um sujeito fabricado e manipulado por opiniões alheias e incapaz de ter experiência. É o que Benjamin (1994) denomina “cultura de vidro”, ou seja, nada fica, tudo se escorrega com as primeiras gotas de orvalho e não deixa rastro. Desse modo, os artefatos culturais precisam ser selecionados para que possam contribuir com a reflexão do indivíduo.

Outra razão, colocada pelo professor Bondía (2002), é a falta de tempo. Tudo passa tão rápido que não deixa tempo para a experiência. O sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de experiências, de novidades e eternamente insatisfeito. Tudo passa de maneira fugaz e efêmera. Plagiando o dito popular que diz que “a pressa é inimiga da perfeição”, podemos dizer que a “pressa é inimiga da experiência”. O tempo se tornou mercadoria, tempo se compra e se vende. Também na educação a experiência está cada vez mais pobre, a aprendizagem significativa existe apenas no discurso. Observe nas escolas e universidades, como os currículos se avolumam, e se organizam em pacotes, com disciplinas cada vez mais numerosas e curtas, sem o tempo devido à reflexão.

Finalmente, Bondía (2002) coloca a questão do excesso de trabalho. Um trabalho que não produz experiência como acontecia com o trabalho artesanal, pré-capitalista. Contemporaneamente, o trabalho é pura ação sem reflexão, é uma ação automática e, conseqüentemente, na sociedade moderna, a mulher além da sua jornada de trabalho empregatício, tem o trabalho do cuidado que lhe é tido como obrigação, o cuidado dos filhos/as, da casa, da família como um todo.

Embora Annie Ernaux (2022) trate do aborto em sua obra, a vida das mulheres, mesmo na atualidade e nas diversas situações cotidianas, remete-nos a refletir sobre a “experiência pura da vida e da morte, ela se tornou exposição e julgamento” (Ernaux, 2022, p. 59), pois somos julgadas em nossas ações, em nossos sentimentos, em nossas atitudes, de maneira muito diferente do que os homens são reconhecidos pela sociedade. Diante disso, as mulheres, muitas vezes, defrontam-se com a solidão e o desamparo.

Observa-se que a desvantagem de gênero continua presente nos relacionamentos entre jovens, como mostra o estudo de Medeiros *et al.* (2016), que destaca que os meninos se sentem menos responsáveis e vivenciam sua sexualidade despreocupadamente e as meninas geralmente são mais responsáveis pela contracepção.

Segundo Ferrari e Peres (2020), quando a gravidez ocorre e a jovem opta pelo aborto, costumeiramente compartilham a notícia com as amigas e, às vezes, com os parceiros, porém muitas delas não compartilham com a família justificando causas religiosas. A família fica excluída da decisão do processo abortivo. As participantes afirmam que contam com o apoio e ajuda financeira de amigas para realizarem o aborto clandestino (Ferrari; Peres, 2020). Observamos essa mesma atitude com Ernaux, que não revelou a gravidez à família e se sentiu fracassada perante sua realidade social.

A experiência de Ernaux, relatada numa época em que na França o aborto era ilegal, transcreve um exemplo dessa situação relacionada ao auxílio de uma colega.

L.B. me explica com tranquilidade, até bom humor o modo de proceder da Sra P.R [...]. L.B. havia contraído uma septicemia. Isso não aconteceria comigo se logo depois eu pedisse a um clínico geral uma receita de antibiótico, com um pretexto qualquer [...] L.B. estava diante de mim, e tinha saído dessa. A Sra. P.R. cobrava quatrocentos francos. L.B. se ofereceu espontaneamente para me emprestá-los (Ernaux, 2022, p. 40).

No Brasil, o aborto é ilegal, exceto em três casos, quando é necessário para salvar a vida da grávida, quando a gestação é fruto de um estupro e quando o feto é anencefálico. Quando induzido é considerado crime contra a vida humana previsto pelo Código Penal Brasileiro desde 1984, podendo acarretar em detenção de um a três anos para a mãe que causar o aborto ou que dê

permissão para que outra pessoa o cometa. Porém, a proibição não inibe o aborto e ainda coloca vidas de jovens em perigo.

A Pesquisa Nacional do Aborto (PNA), realizada em 2016, mesmo decorridos 10 anos, apresenta dados importantes para a comparação com a atualidade, e revela que a taxa do mesmo se manteve estável quando comparada à mesma pesquisa realizada em 2010. Posteriormente, houve mudanças no perfil etário das mulheres que praticam aborto no Brasil, com aumento do aborto na faixa etária de 12 a 15 anos e queda nas faixas de 16 anos em diante. Contudo, os dados apontam predominância de aborto entre mulheres jovens, sendo 29% na faixa etária de 12 a 19 anos, 28% na faixa etária de 20 a 24 anos e 13% acima dos 25 anos (Diniz; Medeiros; Madeiro, 2017). Mas, não podemos deixar de considerar que muitos desses procedimentos permanecem na clandestinidade, não fazendo parte das estatísticas e pesquisas.

Posteriormente, em 2021, os mesmos autores entrevistaram 2000 mulheres selecionadas aleatoriamente com idade entre 18 e 39 anos e residentes em áreas urbanas. Os resultados indicaram que o aborto está em declínio no Brasil, porém segue como importante questão de saúde pública. Cerca de 10% das mulheres em 2021 disseram ter feito ao menos um aborto na vida (15% em 2010). Estimamos que aproximadamente uma em cada sete mulheres (15%) praticou um aborto até os 40 anos (Diniz; Medeiros; Madeiro, 2017, 2021).

No Brasil o tema do aborto tem todo um contexto de recriminação ao invés de esclarecimento, tornando-se momento de negação:

[...] é necessário problematizar que, em um país onde o aborto é fortemente criminalizado, estigmatizado e ideologizado, todas as mulheres com abortamento, em alguma medida, estão vulneráveis a maus-tratos, negligência, assédio moral e negação de cuidado e são expostas a riscos à sua segurança, privacidade, saúde e, até mesmo, à sua vida (Bonan *et al.*, 2024, p. 2).

Com base no PNA (2021), o aborto é um evento que ocorre no início da vida reprodutiva das mulheres, e constatou-se que 52% delas tinham 19 anos ou menos quando fizeram o primeiro aborto. Taxas mais altas foram detectadas entre as entrevistadas com menor escolaridade, negras, indígenas e residentes em regiões mais pobres do país. Observa-se que mesmo o aborto sendo ilegal no Brasil continua ocorrendo clandestinamente, tornando-se uma política de Estado e colocando em risco a vida de jovens.

3. Sexualidade e juventude(s)

A sexualidade é um fenômeno amplo e se manifesta de diferentes formas: nas práticas sexuais, nos desejos, nos sentimentos, nas emoções, nas atitudes, entre outros; e abrange aspectos biológicos, psicológicos, religiosos, culturais, sociais e representações do próprio sujeito, além de permear a vida do indivíduo. Todavia, a repressão da sexualidade está arraigada historicamente em nosso país através de controle social e religioso e abordar a temática tanto na família como na escola, muitas vezes, não é aceito.

Atualmente presenciamos que, o amplo acesso das pessoas aos meios de comunicação de massa colaborou para gerar desinformação, dúvidas e conflitos na população em relação à temática da sexualidade, contribuindo para que a população acreditasse em conceitos sem cientificidade. Em se tratando de sexualidade, o aborto se apresenta enquanto um tema negligenciado e cercado de tabus nos ambientes escolares. Dentre os fatores que cooperam para essa questão, destacamos a insegurança docente, a carência de conhecimento científico, seja pelos aspectos morais, religiosos e éticos ou por ser assunto estigmatizado em nossa sociedade.

Ao abordarmos a sexualidade, inevitavelmente incidimos pela temática de gênero, pois compreendemos como condição que perpassa, reconstrói, valoriza e altera as questões referente ao sexo. O gênero se relaciona ao modo como nos entendemos como homens e mulheres, orienta e define, em determinado momento, nossa concepção de sexualidade. A temática de gênero não pode se dissociar dos estudos de sexualidade, pois estão interligados, e constituem-se como elementos para compreensão, pesquisa e estudo. (Petrenas, 2022; Gonini; Petrenas, 2020).

Por meio do conhecimento sobre construções de gênero que se compreende as desigualdades instaladas na sociedade em relação ao homem e a mulher e que se ramificam em desvantagem do feminino.

Os estudos de gênero podem ser considerados como resultados das lutas libertárias iniciadas nos anos 1960, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968. As mulheres, participantes destes movimentos, perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham papel secundário neles. No Brasil o campo de estudos de gênero ou relações de gênero emergiu nos anos 1970/1980 em torno da problemática da condição feminina (Silva; Bezerra; Queiroz, 2015, p. 365).

Especificamente o termo gênero, como é utilizado hoje por muitos movimentos educativos, surgiu a partir dos movimentos feministas, no final da década de 1960, como uma forma de respostas às desigualdades existentes entre os sexos, que eram marcadas pelo determinismo biológico (Louro, 1997). Este conceito nos faz refletir que as diferenças entre os sexos vão muito além das diferenças biológicas/sexuais, e são produções das construções sociais, históricas e culturais na qual cada indivíduo está inserido. O campo social entra em destaque e, conseqüentemente, a escola, pois:

[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento- seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (Louro, 1997, p.27, grifo do autor).

No estudo de Ferrari (2021), em que foram entrevistadas 10 participantes, foi constatado que todas realizaram abortos em espaços clandestinos, precários e sozinhas. Essa situação denota risco e agravamento da saúde e violência psicológica e social da mulher.

Na quarta-feira, dia 8 de janeiro, fui a Paris para encontrar a mulher e resolver com ela os detalhes práticos, o dia, o dinheiro. Querendo economizar a viagem, pedi carona ao pé da colina Sainte-Catherine. Na minha situação, um perigo a mais ou a menos não fazia diferença[...]. [...] bateram numa porta atrás da qual havia uma mulher de quem nada sabiam, a quem confiaram seu sexo e seu ventre. E essa mulher, a única pessoa capaz de fazer o sofrimento passar [...] (Ernaux, 2022, p. 45).

O abortamento para Ernaux (2022) e para as jovens participantes do estudo de Ferrari (2021) torna-se muitas vezes a única opção e, neste desafio, elas arriscam suas próprias vidas, utilizando-se de quaisquer recursos disponíveis. A respeito de informações sobre sexualidade na contemporaneidade, elas se encontram mais acessíveis na internet e em outros meios de comunicação, porém, a obra de Ernaux e o estudo de Ferrari apontam que as jovens têm acesso à informação, mas evidenciam a ausência do conhecimento sobre a sexualidade no início da atividade sexual.

A obra de Annie Ernaux (2022) se concretiza como um importante artefato cultural propondo reflexões em torno do universo feminino, pois as situações reais expostas no livro são capazes de apresentar o quanto o feminino em determinadas ocasiões é “julgado” e inferiorizado diante de uma sociedade machista, tornando doloroso, solitário e até repulsivo para a mulher reviver momentos que envolvem sua sexualidade. O relato da autora conta sobre suas vivências, e se torna, muitas vezes, denso, aflitivo e o leitor atento fica envolto em comoção pelo sofrimento vivido por Ernaux.

(Sinto que o relato me arrasta e impõem, sem que eu saiba, um sentido: o da marcha inelutável da infelicidade. Me obrigo ao desejo de descer precipitadamente os degraus dos dias e das

semanas, tratando de conservar por todos os meios – a busca e o registro dos detalhes, o emprego do imperfeito, análise dos fatos – a interminável lentidão de um tempo que se espessava sem avançar, com o tempo dos sonhos). (Ernaux, 2022, p. 30).

Compreendemos que o medo e a insegurança rondam as/os jovens, pois é uma fase em que a vivência, as mudanças físicas, cognitivas, emocionais e a sexualidade fazem parte da percepção da construção da identidade. É um período de descobertas, de novas relações intrapessoais e interpessoais, em que essa/es jovens buscam novas experiências, mas também, necessitam compartilhar essas experiências com amigos ou familiares, e nem sempre são compreendidos e acolhidos.

Nesse sentido, a sexualidade para muitos ainda é um tabu e a/o jovem nem sempre consegue dialogar e esclarecer suas dúvidas e anseios. Se a garota engravida, na maioria das vezes, a solidão se torna sua companheira, não podendo nem contar com o parceiro.

O único que não parecia interessado era aquele de quem eu estava grávida, que me mandava cartas esporádicas de Bordeaux, nas quais aludia às dificuldades para encontrar uma solução. [...] Mesmo que eu devesse ter pressentido tudo isso, não tinha forças para terminar, adicionar à busca desesperada por um modo de abortar o vazio de uma separação (Ernaux, 2022, p. 38-39).

A passagem das/os jovens do ensino básico para o ensino universitário representa para muitos autonomia em relação à família, especialmente se a instituição for em outra cidade. Isso implica mais responsabilidades nas suas opções de vida, questionamentos acerca de crenças, valores e podem resultar na vivência de novas experiências, entre elas a sexualidade e as práticas sexuais (Miura *et al.*, 2023).

Ao ler *O Acontecimento* nos deparamos com a autora-personagem que foi morar e estudar em Paris e teve oportunidade de vivenciar outras experiências. Ao iniciar um relacionamento sexual com um colega, não acreditava na possibilidade de engravidar, de que “aquilo poderia “pegar” no meu ventre. “No amor e no gozo, não me sentia um corpo intrinsecamente diferente do corpo do homem” (Ernaux, 2022, p. 14).

Compreendemos que por si só o acesso à informação não garante as escolhas mais adequadas aos diferentes aspectos da vida, entre eles a educação sexual. Porém, todo processo de escolarização tem papel fundamental ao proporcionar aos educandos que a informação se concretize em conhecimento. Nessa vertente, recorremos a Foucault (1988), que aborda a sexualidade de maneira histórica, filosófica e política, e a partir dos seus estudos é possível fazer várias reflexões sobre o tema, tendo como ponto de destaque que o sexo não pode ser visto como atividade puramente biológica, separado do ser

integral. O autor propõe a reflexão diante da temática, pois é parte integrante do ser na totalidade, indo ao encontro de valores da sociedade.

Para Foucault (1988), a relação do ser humano com seu corpo jamais será pura e simplesmente casual, mas sim, permeada por valores, pois é a expressão viva de cada ser com suas idiossincrasias, que sofre as influências da sociedade à qual pertence. Concebendo assim a busca da emancipação do ser humano, a esperada sexualidade emancipatória compreende a formação integral do ser, reconhecendo-o na totalidade, ou seja, de forma biopsicossocial.

O processo de escolarização pode e deve contribuir para a emancipação do ser humano (Moreira, 2008). Precisa ser adverso à sociedade atual, marcada pela experiência aligeirada e massiva, e é de sua reponsabilidade discutir, além das diversas áreas do conhecimento humano, a temática da sexualidade para compreendê-la inerente ao ser relacionado à concepção de mundo no qual o sujeito existente é marcado por fragmentações de sentimentos, pois:

[...] a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar; parar para sentir [...].
(Bondía, 2002, p. 24).

A educação sexual emancipatória propicia abordar essa experiência de modo significativo, vivenciá-la de maneira crítica, sem sofrimento, não de modo na vivência de novas experiências, entre elas a sexualidade e as práticas sexuais aligeirado devido às cobranças e preconceitos sociais (Silva; Brancaloni; Oliveira, 2019). Não podemos ser ingênuos/as e acreditar que a educação seria tida como panaceia na sociedade atual. Para que a educação sexual realmente ocorra é preciso metas e referências seguras, direções claras e que os equívocos sejam esclarecidos à luz da cientificidade.

Sexualidade, gênero, afetividade, aspectos da biologia, das fases da vida, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), aborto, dentre outras temáticas que envolvem o assunto, precisam fazer parte dos conteúdos curriculares de modo interdisciplinar/transdisciplinar contextualizado, mas com compromisso de que seja trabalhada pelos/as docentes, rumo a uma educação sexual emancipatória que defende a formação do/a cidadão/ã íntegro/a e participativo/a, conhecedor/a de seus direitos e deveres. Contudo, nossa caminhada e busca por uma educação sexual emancipatória se encontra em construção continua.

Porém, na educação os currículos sufocam os discentes e, paralelamente os docentes, com informação-opinião que elimina toda esperança de experiência. E assim, a educação não exerce seu papel no que se refere aos alunos, mais especificamente às alunas e ao feminino, que é fazê-las se compreender como pessoas constitutivas da sociedade, conhecedoras de seus direitos e deveres e capazes de trilhar de forma positiva sua vida.

Por outro lado, corroboramos o estudo de Miura *et al.* (2023):

[...] percebe-se que a escola não conseguiu ser um ambiente social de sustentação das demandas emocionais das adolescentes, o que nos leva a refletir sobre a falta de suporte dado aos profissionais da educação, pois para que estes possam sustentar as demandas emocionais de seus alunos é necessário que também possam usufruir de um sistema que lhes ofereça suporte físico, psíquico e emocional. (Miura *et al.*, 2023, p.5).

No decorrer do desenvolvimento humano, a sexualidade vai se construindo de acordo com os processos históricos e culturais em que vivemos. Esse processo que se inicia na infância irá influenciar as vivências da sexualidade na adolescência e na vida adulta. A educação sexual desde a infância é de extrema importância e corrobora para que jovens, adultos e idosos vivenciem sua sexualidade emancipatoriamente se protegendo de situações adversas, constrangedoras e de abuso sexual (UNESCO, 2014). As vivências sexuais precisam se tornar acontecimentos prazerosos, consentâneos, responsáveis por todos que a praticam, pois por meio do conhecimento será possível evitar consequências e memórias desagradáveis. Ainda hoje, para muitas pessoas, a escolha reprodutiva que mais altera a vida não é, nem sempre é de fato, uma opção.

A escola, assim como as/os professoras/es não são neutros e devem possibilitar que a educação sexual seja trabalhada com suas/seus alunas/os auxiliando-as/os a lidar com as mudanças do corpo e da sexualidade para que se desenvolvam plenamente, tendo seus direitos resguardados, combatendo as desigualdades sociais e de gênero, como também a vulnerabilidade da jovem no início das vivências da sexualidade como observado na obra de Ernaux (2022).

Percebemos a carência de políticas públicas educacionais que abordam as discussões de gênero e sexualidade. Destacamos o Plano Nacional de Educação de 2015 (Brasil, 2025) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), sendo que esse último faz abordagens dessas temáticas somente no 8º ano na disciplina de Ciências da Natureza, contrariando o proposto pelas Nações Unidas (UNESCO, 2017), documento do qual o Brasil é signatário, e consequentemente, reflete na maneira como adolescentes e jovens se apropriam desse conhecimento.

4. Considerações finais

Ao propormos fazer um estudo da obra de Annie Ernaux (2022), relacionando o feminino e a sexualidade, enveredamos por caminhos em que a vulnerabilidade das mulheres, em diversos aspectos, mostra-se diante de uma sociedade machista, desigual e preconceituosa. Abordamos nesse estudo a vulnerabilidade como aspecto relacionado aos adolescentes e jovens, de maneira

geral, que poderia ser refutada ou minimizada por ações educativas envolvidas com a educação sexual no contexto das escolas desde os anos iniciais.

Considerando que a obra literária em questão é intencional, o fato do aborto vivido pela autora expõe processos de construção de ideias, comportamentos e valores, e aponta representações em determinado momento histórico de uma sociedade que, mesmo após seis décadas, ainda coexiste na realidade, principalmente em países em que o preconceito e a estigmatização imperam, e que não instituem a educação sexual emancipatória de maneira efetiva no contexto escolar e nem enquanto política de saúde pública.

No estudo, deparamo-nos com artigos que apresentam uma variedade de assuntos relacionados às questões do aborto, contudo, a maioria é originária da área da saúde, desconsiderando a possibilidade de abordagem no contexto escolar, local de crianças e jovens que necessitam de educação sexual livre de tabus e preconceitos para que possam fazer escolhas conscientes e seguras.

O Acontecimento, de Annie Ernaux (2022), apresenta-se enquanto artefato cultural de infinita relevância. A narrativa traz inúmeros elementos que possibilitam conhecer diferentes temáticas envoltas com o feminino, capazes de propor reflexões para que as adolescentes e jovens sejam protagonistas de suas vidas no tocante à sexualidade, pois discutem a questão do afeto, do cuidado com o corpo, da hierarquização social, dos ressentimentos e medos.

Nesse estudo, não tratamos sobre o posicionamento em relação ao aborto, mas independente da diversidade de opiniões e conceitos éticos, políticos, morais e religiosos, a educação sexual pode promover empoderamento e melhores condições de vida para jovens de ambos os sexos.

A obra aborda o ocorrido com Annie Ernaux na Paris de 1963, contudo, esse “acontecimento” habita outras tantas jovens e mulheres em fase adulta na nossa sociedade, em situações diversas e análogas, como violências, falta de conhecimento, precariedade dos sistemas educacionais e de saúde, pobreza, dentre outros aspectos que nos são cotidianos e colaboram ainda mais para a vulnerabilidade do feminino vir a ser desencadeada.

A literatura em questão é propícia para a discussão e reflexão das representações das jovens e mulheres em nossa sociedade, abordando temáticas relacionadas à sexualidade feminina e à superação da opressão através do conhecimento vivenciado e significativo, pois somente assim possibilitará a compreensão da busca pela desconstrução do machismo, indo ao encontro da igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *In*: SEMINÁRIO CETROS NEODESENVOLVIMENTISMO, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL, 4., 2013. Fortaleza [Anais...] Fortaleza: UECE. 2013. p. 113-121. Disponível em:

http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937. Acesso em: 10 jan. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: obras escolhidas I. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONAN, Cláudia *et al.* Itinerários de cuidado à saúde de mulheres em situações de abortamento: aspectos metodológicos do estudo qualitativo da pesquisa Nascer no Brasil II. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. e00006223, 2024. Disponível em: DOI: 10.1590/0102-311XPT006223
Acesso em: 10 jan. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Giralaldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abri. 2002. Disponível em: http://anped.org.br/rbedigital/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf
Acesso em: 10 jan. 2004.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: <http://mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 1 fev. 2022.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMOZZATO, Viviane C. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 111-119, 2018. Disponível em: DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.31i101.3526. Acesso: 20 dez. 2023.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto** 2016. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mDCFKkqkyPbXtHXY9qcpMqD/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 dez. 2023.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto** 2021. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1601-1606, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mDCFKkqkyPbXtHXY9qcpMqD/?format=pdf&lang=en>

=en. Acesso em: 20 dez. 2023.

ERNAUX, Annie. **O acontecimento**. Tradução de Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.

FERNANDES, Karoline Silva; SOUSA, Edneia de; PASSOS, Marco Aurélio Ninômia. O aborto na vida das adolescentes e mulheres: uma revisão da literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 2127-2136, 2023. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/802>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FERRARI, Wendell. **Entre o segredo e a solidão**: aborto ilegal na adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021. (Coleção Criança, Mulher e Saúde).

FERRARI, Wendell; PERES, Simone. Itinerários de solidão: aborto clandestino de adolescentes de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, supl. 1, e00198318, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8kTxcWsPgjsMk3JJWS/#>. Acesso em: 16 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GONINI, Fatima A. Coelho; PETRENAS, Rita de Cássia. A Educação Sexual abordada através de bilhetes trocados entre crianças. **Plures Humanidades**, v. 21, n. 2, p.239-256 2020. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/554/373>. Acesso em: 26 set. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro, Zahar, editores, 1986.

MEDEIROS, Thalyta Francisca Rodrigues de *et al.* Vivência de mulheres sobre contracepção na perspectiva de gênero. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. e57350, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rngenf/a/hRjDHgJfsM8G3krqGc4Vb3g/?format=pdf&lang=pt_. Acesso em: 13 mar. 2024.

MIURA, Paula Orchiucci *et al.* Gravidez na adolescência e as experiências da vida escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e238700, 2023.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Indagações sobre o currículo:** currículo, conhecimento e cultura. Brasília: MEC, 2008.

PETRENAS, Rita de C.A Revista Nova Escola enquanto artefato cultural: possibilidades para abordagens da sexualidade e gênero. **Olhar de Professor**, v. 25, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17680>. Acesso em: 26 set. 2026.

SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges da; BEZERRA, Waldez Cavalcante; QUEIROZ, Sandra Bomfim de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364–372, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/88052/109664>. Acesso em: 16 mar. 2024.

UNESCO. **Early and unintended pregnancy & the education sector:** evidence review and recommendations. Paris: UNESCO, 2017.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: DF, 2014.

Responsabilidade Editorial: Célia Regina de Carvalho.
Recebido em: 20 de fevereiro de 2026.
Aceito em: 26 de setembro de 2026.
Publicado em: 05 de outubro de 2026.